

Televisão em foco: a violência e suas relações psicossociais no contexto dos telespectadores

Jair G. Rangel

Uma preocupação social

O que era uma novidade tecnológica, fruto do esforço de John Baird e outros gênios que criaram a televisão, transformou-se, aos poucos, em uma fonte de discussões semelhante àquelas que aqueceram o cenário acadêmico nos primórdios do rádio e do cinema. Na Inglaterra, a televisão chegou ao público com a promessa de promover a educação, no que contribuiu sobremaneira. Mas, tão logo os anunciantes identificaram no novo meio uma fonte potencial para a realização de campanhas em larga escala, o perfil das emissoras tornou-se cada vez mais comercial.

No Brasil, essa relação se deu com o inchaço das grandes cidades devido à urbanização, quando a televisão, além de fornecer entretenimento ao novo público, provia as massas de orientação perante as novas condições sociodemográficas, dando sentido às relações sociais e minimizando os efeitos do desenraizamento provocado pelo êxodo rural.

A preocupação com a relação entre violência na televisão e o comportamento agressivo ou anti-social passou a receber, a partir da década de 1950, um tratamento científico, quando diversas formulações teóricas e hipóteses passaram a ser testadas. Estas pesquisas mais específicas derivam de outras que se ocuparam, de forma esparsa, com os efeitos do cinema no comportamento social, como as realizadas em 1933 por Charters, Dysinger e Duckmick, Peterson e Thurstone, além de Klapper em 1949.

Desde então, o tema tem sido alvo de inúmeras comissões e relatórios do Parlamento americano. A *National Commission on the Causes and Prevention of Violence*

foi a primeira a concluir, baseada em revisão de literatura disponível, que a televisão é um dos muitos fatores que contribuem para o comportamento agressivo ou transgressivo. Outro exemplo é o *Surgeon General's Scientific Advisory Committee on Television and Social Behavior* que concluiu, baseado em novos estudos, que o comportamento agressivo ou anti-social de pelo menos uma parcela de jovens telespectadores aumentou através da violência na televisão. O relatório do *National Institute of Mental Health* confirmou o impacto da violência na TV em um comportamento agressivo subsequente dos telespectadores.

O relatório da *American Psychological Association* concluiu, dentre outras coisas, que o conteúdo da TV americana contém um padrão de violência bastante elevado. Segundo o relatório, este quadro tem persistido durante anos, demonstrando, também, uma clara evidência de que a violência exibida quotidianamente pode influenciar atitudes e comportamentos agressivos.

Muitas variáveis e uma série de operacionalizações foram estudadas neste contexto. Podemos enumerar algumas: classe social, idade, sexo, panorama cultural, inteligência, comportamento agressivo. Perguntas foram elaboradas para direcionar as pesquisas, como por exemplo: qual a natureza da violência mostrada? Ela é real ou fantasiosa? Contra pessoas ou objetos? Qual o seu impacto no comportamento das pessoas? Qual a magnitude deste impacto? Como medir o impacto da audiência a cenas de violência na TV? Qual o seu impacto na percepção de mundo, do crime e do perigo de vitimização? Que associação existe entre pornografia, erotismo e violência na TV?

Diversas técnicas de mensuração foram usadas com o objetivo de responder a estas questões e outras mais específicas: observação direta da agressão, questionários, diários, observação do comportamento, agressão verbal, grau e intensidade de choques dados em objetos, taxas obtidas junto a pais e amigos, intensidade da agressão, entrevistas, resposta galvânica da pele, pressão arterial, batimentos cardíacos, etc. Vários tipos de estudo têm sido usados, a saber: experimentos de laboratório, meta-análise, análise de conteúdo, experimentos de campo, levantamentos de campo, estudos correlacionais, longitudinais e outros.

Apesar de toda a dificuldade metodológica que envolve mensurações e tratamento de hipóteses sobre o impacto da violência veiculada através da televisão sobre a sociedade ocidental, existe uma espécie de consenso entre os pesquisadores mais conceituados de que esse tipo de exposição aumenta a propensão dos telespectadores a desenvolverem algum tipo de agressividade na vida real.

O que dizem as pesquisas sobre o tema

Existem pelo menos quatro grandes áreas de estudo do impacto da violência exibida na TV e no cinema juntos aos seus públicos. A primeira estabelece que

existe uma relação positiva entre a audiência à violência na televisão e um comportamento agressivo subsequente através da modelação pelos meios de comunicação de massa, relacionando-se, ainda, as taxas de criminalidade, violência, erotismo e pornografia na programação de TV. Outra abordagem, inversa a esta primeira, destaca que os efeitos obtidos pelos estudos e pesquisas são nulos ou sem significância estatística. Uma terceira abordagem trabalha com a mensuração das expectativas de vitimização por crime, com base na teoria do cultivo de Gerbner e, finalmente, alguns autores buscam compreender como se processa a percepção de realidade através da violência na TV.

Relação entre violência e comportamento anti-social

Antes mesmo dos relatórios do *Surgeon General's Scientific Advisory Committee on Television and Social Behavior*, da *National Commission on the Causes and Prevention of Violence* e do *American Psychological Association*, Albert Bandura e seus cooperadores já tinham alcançado notoriedade com seus experimentos que demonstraram que a agressão aprendida através de exemplos de modelos mediadores têm a capacidade de desinibir comportamentos ou eliciar novos. Segundo esta formulação, conhecida como *teoria da aprendizagem social*, ao assistirmos televisão, suas influências modeladoras podem produzir aprendizagem que, devido a uma série de fatores, podem contribuir na aquisição de representações simbólicas de atividades modelares e associações específicas de estímulo/resposta.

Bandura (1973) desenvolveu experimentos que hoje são considerados clássicos. Um deles foi realizado com crianças na pré-escola e que consistia na observação de um modelo adulto agressivo que atuava ao vivo golpeando um João-teimoso em um filme. Um terceiro grupo assistia a um desenho animado com cenas agressivas. Um quarto grupo não assistiu a nenhum filme.

Os resultados da pesquisa demonstraram que se um agressor em um filme é punido pelos seus atos, há uma conseqüente inibição de comportamento agressivo de quem assiste, mesmo se o comportamento tivesse sido aprendido. Por outro lado, quando o agressor observado não é punido ou ainda, é recompensado, as inibições contra a agressão diminuem e o observador tende a atacar (conforme aprendeu com o modelo) um alvo disponível.

Outras pesquisas realizadas por Bandura mostram que os processos de atenção são importantes, uma vez que a mera exposição à TV não garante a necessária percepção do observador. Para tanto, Bandura estudou os processos de retenção e atenção, incluindo as características do modelo e como a modelação pode ser mantida em períodos de tempo específicos.

Uma interessante descrição desta teoria feita por Comstock e Lindsey enfatiza a importância dos estudos de Bandura na compreensão de como as pessoas aprendem através da televisão:

Uma das muitas hipóteses testadas derivadas desta teoria é a proposição de que as crianças aprendem ao observarem as imagens da televisão bem como observando as ações de pessoas na realidade. Sua teoria da aprendizagem social é reconhecida como uma das mais refinadas e bem testadas teorias no campo das ciências sociais, tornando-se numa das mais influentes fontes de pesquisa envolvendo televisão e agressividade. Bandura não se limita à questão da aquisição, mas avalia os atributos dos indivíduos, os estímulos observados e como o ambiente facilita ou inibe o desempenho de respostas adquiridas através de observação (Comstock & Lindsey, 1975).

George Gerbner e a sua equipe da Annenberg School gastou 25 anos analisando o horário nobre e as manhãs de sábados da TV americana. Gerbner fez as contas e descobriu que

(...) a violência prevalece em oito de cada dez programas. Além do mais, uma média de cinco ou seis incidentes violentos ocorrem a cada hora. E nos desenhos, os preferidos das crianças? Estes contêm mais violência – pelo menos dezoito atos de agressão a cada hora. Segundo os parâmetros de pesquisa norte-americanos, um pré-adolescente com doze anos de idade já terá assistido na vida, em média, a pelo menos 100.000 atos agressivos na TV (Aronson, 1995).

Tannenbaum encabeça uma linha de pesquisa conhecida como *hipótese da estimulação* que destaca que a exposição à violência na TV aumenta a agressividade porque essa mesma violência aumenta a excitação, ou seja, estimula aos telespectadores (Tannenbaum & Zillman, 1975). A palavra-chave, aqui, é *estimulação*, que, tendo origens diversas, seria a causa básica do aumento da agressividade nas pessoas.

George Comstock apresenta essa hipótese da seguinte maneira:

O aumento da agressão acontece quando esta se torna uma resposta apropriada, como pode ser percebido em quase todos experimentos realizados com televisão e agressão. As implicações se desdobram em três aspectos principais: (1) a violência na TV pode estimular outros tipos de comportamento além da agressão; (2) outras classes de conteúdos não-violentos estimulam, igualmente, a agressão; e (3) muitos efeitos demonstrados pelos experimentos de laboratório e na vida real apresentam diferentes resultados na ponta da curva que mostra o aumento da excitação quando uma seqüência de filmes editada é assistida por uma audiência. A hipótese é amparada por estudos demonstrando que o humor, o erótico, a violência e outras classes de conteúdo aumentam, igualmente, o grau de excitação de alguns sujeitos observados;

que exposição ao humor, ao erótico e outras classes de quadros de estimulação visual levam a uma maior agressividade sujeitos estudados (no caso, universitários) do que outras fontes de excitação; e que tanto a excitação fisiológica quanto o nível de comportamento podem variar dependendo de como a trama ou seqüência de imagens é tratada, ou seja, se há aspectos conclusivos ou não. Tannenbaum é um dos que advogam essa hipótese, com o objetivo de desenvolver uma teoria mais organizada, propondo rigorosos experimentos de laboratório para inferir relações de causa e efeito, manifestando-se céptico quanto à possibilidade de que o conteúdo violento, em si mesmo, seja o responsável pelo aumento da agressividade seguida pela audiência a uma cena violenta na TV (Comstock & Lindsey, 1975).

Berkowitz é reconhecido na comunidade internacional que pesquisa a violência na televisão como sendo um dos expoentes na investigação do que se convencionou chamar de *hipótese da desinibição*, a qual destaca que a violência televisiva, em algumas circunstâncias, provoca o aumento da agressão interpessoal porque enfraquece as inibições contra este tipo de comportamento (Berkowitz, 1962).

Isto sugere o seguinte: tais circunstâncias mostram que a violência é recompensada de alguma forma (ou seja, proporciona algum tipo de ganho emocional ou simbólico), sendo que muitas das pistas sugeridas pelas imagens violentas ocorrem dentro de um contexto ambiental específico (contextualização), e que esse contexto nos remete a um alvo que visa atingir (prejudicar) ou provocar respostas na audiência. Da mesma maneira que Tannenbaum e Bandura, Berkowitz utiliza uma rígida metodologia empírica de pesquisa. Como Tannenbaum, Berkowitz tem se interessado pela contribuição direta da violência exposta na televisão ao desempenho de comportamento adquiridos. Diferentemente de Tannenbaum e Bandura, suas pesquisas mais recentes trabalham com experimentos de campo em ambientes naturais (Comstock & Lindsey, 1975).

Huessmann (1986) sugere que ao serem expostas à televisão, as crianças aprendem roteiros agressivos que servirão de guia para o comportamento tais como em situações de conflito interpessoal que passam a ser resolvidos de acordo com os modelos aprendidos. Esta linha de raciocínio é semelhante a de Berkowitz (1986) ao ressaltar que idéias agressivas sugeridas por um filme violento podem estar relacionadas semanticamente a outros pensamentos, aumentando as chances de que o telespectador tenha outras idéias agressivas.

A pesquisa realizada pelo Centro para Política Comunicacional da Universidade da Califórnia em 1995, intitulada *The UCLA Television Violence Monitoring Report*, foi uma resposta às pressões do Congresso americano contra a televisão e seu conteúdo violento. As críticas dos congressistas visavam principalmente os perigos da exposição de crianças a programas violentos.

Foram feitos dois estudos envolvendo a televisão aberta e o sistema de TV a cabo. O principal objetivo foi examinar o conteúdo violento da televisão durante o horário nobre e nas manhãs de sábado. Os resultados da pesquisa, de forma resumida, foram os seguintes:

- O contexto no qual a maior parte da violência é apresentada na TV aumenta a possibilidade de riscos a seus telespectadores.
- Os personagens saem impunes de pelo menos 73% de todos os atos violentos.
- As consequências negativas da violência nem sempre são retratadas na programação violenta.
- Uma em cada quatro interações envolvem o uso de armas de fogo de mão.
- Apenas 4% dos programas violentos enfatizam um tema anti-violento.
- Uma nota positiva: a violência na TV é usualmente pouco explícita ou gráfica.
- Os canais de TV a cabo *premium* (pacotes mais completos) apresentam a mais alta percentagem de programas violentos (85%).
- Os programas infantis têm a menor probabilidade, em todos os gêneros, de mostrar as consequências negativas da violência (5%).

Além dos resultados descritos acima, a pesquisa constatou que o volume de imagens e conteúdos violentos diminuiu em proporções ainda pouco importantes. Contudo, o requinte da violência exibida aponta para efeitos cada vez mais danosos para os telespectadores, com o incremento gráfico e estético de cenas violentas e de agressividade.

Efeito nulo ou impacto pouco significativo

O montante das pesquisas realizadas desde a década de 1950 nos Estados Unidos não confirmam a hipótese de que a televisão tem pouco ou nenhum impacto no comportamento agressivo das pessoas, defendida por alguns autores, como Kaplan e Singer – este último em sua primeira fase. Entretanto, eles sugerem que as pesquisas não têm validade externa, isto é, não podem ser confirmadas fora do laboratório. Argumentam, também, que os experimentos são falhos e podem ser discutidos em sua eficácia metodológica. Sobre este tipo de abordagem, procuramos selecionar alguns resultados obtidos por pesquisadores que elaboraram hipóteses de que a violência exposta pela televisão tem pouco ou mesmo nenhum impacto sobre a sua audiência.

A hipótese da catarse - O termo *catarse* é originado do grego e significa “purificação”, “limpeza”. É apresentado como uma espécie de válvula de escape de inúmeras tensões e conflitos, dando-lhes um novo direcionamento. Feshbach é quase sempre identificado como o proponente dessa hipótese, mas pertence a um campo de explicações bastante controverso e complexo. O termo *hipótese da redução da agres-*

são também é aceito e parece refletir melhor o escopo dessa abordagem, que destaca que sob certas condições, a violência exposta na televisão pode acabar reduzindo a possibilidade de uma agressão (Feshbach, 1961).

Como funciona esse mecanismo atenuador de respostas agressivas? Feshbach considera que tal condição ocorre quando os telespectadores apresentam deficiências na capacidade de inventar fantasias agressivas. Desta forma, as imagens são úteis no autocontrole de impulsos agressivos, uma vez que as mesmas cumprem o papel da fantasia não-realizada. Significa dizer que a violência televisiva fornece o “material” para a efetivação dessas fantasias, contribuindo na redução do comportamento agressivo.

Dentro do tema que estamos focalizando, a catarse pode amenizar ou mesmo redirecionar o comportamento agressivo quando assistimos cenas violentas na televisão. Segundo a hipótese desenvolvida inicialmente por Seymour Feshbach, a fantasia expressada nas cenas violentas podem reduzir, pelo menos em parte, situações de agressão induzida. Ou seja, as estórias dramatizadas “esgotam” tendências agressivas através de fantasia vicariante.

Feshbach (1961) realizou um dos primeiros estudos experimentais defendendo esta hipótese. O experimento consistia em submeter um grupo de estudantes universitários às cenas do filme *Body and Soul*. Outro grupo assistiu a um filme de conteúdo neutro. Alguns alunos tinham sido previamente insultados por uma pessoa, com o intuito de se provocar raiva. Feshbach concluiu que alguns alunos diminuíram sua raiva após assistirem ao filme violento.

Uma outra versão desta teoria é a da *empatia* do telespectador, isto é, a de que a violência na televisão será seguida pela diminuição da agressão quando as consequências da agressão assistida não atenderem às expectativas do telespectador.

Além daqueles que defendem a hipótese catártica, temos outros autores – em menor número – que abordam o tema sob o ponto de vista da viabilidade das técnicas usadas ou mesmo de sua utilização perante a comunidade científica. Ball (1976) procura discutir o delineamento das pesquisas, como por exemplo, a amostragem e as formas de mensuração. Sua conclusão é a de que o impacto da violência na TV não pode ser medido de forma contundente. O australiano Bear (1994) vai mais longe e leva o assunto para o campo da política acadêmica ao afirmar que as pesquisas sobre violência na TV são um mito elaborado por um grupo restrito. Freedman (1984) realizou alguns estudos e concluiu que as evidências empíricas disponíveis não sustentam a relação causal entre a TV e a agressão, não justificando, desta forma, o estabelecimento de uma política pública.

Exposição à mídia e aumento de taxas de criminalidade

A relação entre a exposição à violência na televisão e o aumento das taxas de criminalidade é outra preocupação dos autores consultados. Estes estudos procuram relacionar a televisão e outros meios de comunicação a dados estatísticos sobre aumento ou diminuição da criminalidade, de suicídios, acidentes de trânsito e outras taxas. Dentre os diversos estudos publicados, destacamos o de Phillips e Hensley (1984), onde concluíram que a relação entre a cobertura efetuada pela mídia e alguns tipos de mortes desencadeiam um forte componente psicológico e social. Eles observaram que após uma luta de pesos pesados o número de homicídios aumentou, diminuindo após notícias de sentenças de condenações.

Stack (1989) também segue a mesma linha de pensamento, o que pode ser constatado em seu levantamento do efeito da divulgação de assassinatos e suicídios pela mídia no período de 1968 a 1980. Sua conclusão é a de que a exibição deste tipo de notícia contribui para o crescimento da taxa de suicídios. Do mesmo modo, Centerwall (1989) afirma que a televisão é uma das causas da violência social. Ele apóia a teoria de uma relação causal entre a exposição de populações à TV e um maior crescimento nas taxas de violência criminal. Estudo semelhante foi desenvolvido por Gerbner (1988) que avaliou a violência e o terror nos meios de comunicação de massa.

Em estudo realizado em 1984, Henningan (1984) concluiu que nas últimas três décadas anteriores, a taxa de suicídios havia crescido dramaticamente entre jovens de 15 a 24 anos de idade, representando a terceira causa de morte entre este grupo de idade.

Percepção da realidade

Alguns autores partem de perguntas relacionadas com a maneira pela qual as pessoas percebem a realidade das cenas que assistem na televisão: os sujeitos expostos às cenas de violência são capazes de diferenciar entre o que é fantasia e o que é real? Será que a violência apresentada em telejornais é mais efetiva para a relação com o comportamento agressivo do que em filmes de entretenimento, por exemplo? A partir destas questões, os autores procuram uma forma mais específica de abordagem para vincular a violência assistida e o grau de percepção de realidade dos telespectadores.

Em um estudo publicado em 1984, Adoni e Cohen apresentaram a hipótese de que a percepção diferenciada da complexidade e intensidade de conflitos sociais entre o mundo “real” e o noticiário na TV dependem das experiências pessoais dos indivíduos com conflitos sociais. A descoberta mais significativa foi a de que adolescentes são capazes de diferenciar entre realidade social e realidade na TV. Os confli-

tos sociais são considerados mais complexos e mais difíceis de serem resolvidos do que conflitos sociais nos telejornais.

O resultado de um experimento realizado por Atkin (1983) procura reforçar esta idéia com a hipótese de que situações violentas reais apresentadas em telejornais têm maior impacto na agressividade do que as mesmas cenas retratadas como fictícias e de entretenimento. Outros aspectos levantados pelo autor foram os seguintes:

- a) o de que a agressão de adolescentes aumenta com a percepção da realidade da violência da TV;
- b) formas realistas de ação violenta produzem mais agressão;
- c) realidade ou fantasia não são uma propriedade do estímulo produzido pela mensagem, mas uma percepção própria do receptor e,
- d) a percepção da realidade pode ser estabelecida pelo grau de distinção que a audiência faz entre os eventos, se são características de um mundo real ou não, se a distinção é pertinente ao ambiente físico e social do telespectador. Entretanto, o estudo publicado por Gunter e Furnham (1984) ressalta que ambas as formas, ficcional e física, têm significativos efeitos nos telespectadores de cenas violentas.

Hawkins, Pingree e Adler (1987) estudaram os processos cognitivos com base no efeito de cultivo de Gerbner. Para eles, as percepções do mundo da TV servem como passo intermediário entre uma aprendizagem fragmentada da TV e crenças sobre o mundo real. Tais crenças, que estão proximamente ligadas ao conteúdo da TV, são um passo intermediário no incremento de valores gerais e crenças.

Linz, Donnerstein e Penrod (1984) relataram os efeitos da exposição de filmes com violência contra mulheres. Após assistirem cinco filmes deste tipo, homens manifestaram, ao final, menos reações emocionais negativas com relação às cenas, percebendo-as como menos violentas e degradantes.

Rule e Ferguson (1986) defendem que muitos aspectos da cognição parecem mediar a ligação audiência/violência. Telespectadores que gastam muito tempo em frente à TV assistindo violência demonstram atitudes favoráveis ao que vêem, além do crescimento da tolerância à agressão. Ainda na opinião destes pesquisadores, esta tolerância, no entanto, não parece contribuir de forma mais ampla a atitudes favoráveis à agressão. A recepção da mensagem sobre agressão depende da cognição de cada telespectador.

George Gerbner e a teoria da cultura

Um número bastante significativo de pesquisas têm se ocupado em estudar o impacto que a programação de TV (ficcional ou não) exerce sobre determinada parcela de telespectadores que se tornam mais preocupados com a *vitimização pessoal ou mesmo envolvimento por crimes*. São aquelas pessoas que temem pelas suas vidas e superestimam as probabilidades de serem vítimas de assaltos, homicídios, raptos e outras contingências de nossa sociedade violenta.

Esta distorção foi devidamente analisada por George Gerbner através de sua *teoria do cultivo*, ou seja, uma tentativa de se explicar as formas pelas quais as pessoas constroem uma visão de mundo a partir das informações adquiridas pelos meios de comunicação, em particular a TV.

Em pesquisa recente, Signorielli (1990) nos mostra que a análise do sistema de mensagens indica que a estrutura básica dos temas, da caracterização, ação e destino no mundo do drama televisivo tem sido estável desde a década de 1970. A violência é usada na programação para demonstrar quem faz o quê contra quem e quem tem a capacidade de submeter os outros. Mulheres, jovens e idosos e algumas minorias são mais vulneráveis à vitimização na TV. Estas conclusões de Signorielli são semelhantes às conseguidas pelo relatório da American Psychological Association (1986) que relaciona subgrupos norte-americanos tais como crianças, pessoas marginalizadas, idosos e algumas minorias que consomem muita televisão devido à falta de alternativas relacionadas ao baixo poder aquisitivo. Desta forma, esta parcela da audiência, que está mais exposta à televisão pelas razões que destacamos acima, são mais propensas à construção de um mundo semelhante àquele que lhes é exposto quotidianamente pelas emissoras de TV.

Barrile (1984) conduziu um estudo utilizando entrevistas através de amostra estratificada simples por cotas de 147 residentes de cidade de médio porte (com 85 mil habitantes) do Connecticut, durante o período de um ano (1977-78). O roteiro da entrevista incluiu questões sobre atitudes relacionadas a crimes, violência, vítimas, punição, conteúdo da TV e seus efeitos. Três questões foram feitas sobre autodeterminação. A análise das informações apoiaram, com fortes evidências, a hipótese de que a audiência à TV está relacionada à uma visão distorcida de crime. Os dados também sugerem, com forte ênfase, a hipótese de que a audiência à TV também se relaciona a atitudes retributivas sobre punição. Houve significativo apoio à hipótese de que a preferência à programação violenta está relacionada a atitudes personalizadas sobre crime e atitudes retributivas concernentes à justiça.

Ogles e Hoffner (1987) testaram a hipótese de Gerbner em um estudo que mostrou a relação positiva e significativa entre estimativas de vitimização e a percepção de violência na TV. Os autores observam que as pessoas pesquisadas associavam estas estimativas com programas de entretenimento. Ogles e Sparks (1989) dirigiram outro estudo na mesma direção procurando avaliar o impacto da teoria do cultivo a partir de três medidas: o tempo gasto assistindo à TV em geral; o tempo gasto assistindo à violência e o número de atos violentos/hora na TV. Os resultados mostraram que medidas de tempo gasto podem levar à conclusões, com base na hipótese de cultivo, diferentes daquelas baseadas na exposição e no total de violência assistida.

O conceito, aspectos teóricos e metodológicos desta hipótese também foram abordados por Signorielli (1990). Ele procura descrever quais são as questões mais

freqüentes relacionadas pelos estudos e sugerem que os pesquisadores devem abordar as seguintes questões:

1. Como a cultivação ocorre?
2. Que subgrupos demográficos são mais propensos a mostrar evidências de cultivação?
3. Como a cultivação é mediada por relações interpessoais e familiares?
4. Quais são os níveis de cultivação?
5. Como as orientações obtidas pelos telespectadores através da TV influenciam o efeito de cultivação?
6. Qual é o papel da experiência pessoal em cultivação?
7. Quais são os papéis de programas específicos e gêneros na cultivação?

Considerações finais

Procuramos mostrar, ao longo deste artigo, que é possível relacionarmos a audiência à televisão (ou a filmes, vídeos, etc.) com o desenvolvimento de atitudes, percepções e comportamentos ligados à violência. E os estudos nos deixam bastante à vontade para entender que existe uma relação significativa entre a imagem exibida na TV ou no cinema, contendo cenas categorizadas como violentas, e o desencadeamento de ações violentas entre os audientes.

Assim, temos um problema conceitual e teórico e que causa preocupação real na sociedade. As contingências desta relação é que precisam ser mais bem esclarecidas. A perplexidade de Joseph Klapper diante do dilúvio de variáveis que o fenômeno da comunicação proporciona a seus estudiosos, criando uma infinidade de possibilidades de explicações para os eventos comunicativos, continua atual. Desta forma, o contexto do ato comunicativo é um dos desafios para que possamos melhor avaliar a relação entre violência e mídia.

O contexto é muito importante em qualquer investigação que envolve o fenômeno da comunicação. Condições sociais, políticas, econômicas e psicológicas podem interferir no processo, mas existem relações, conforme os estudos demonstram, que não podem ser descartadas, a despeito de um dado contexto. Por outro lado, avaliações precipitadas ou generalizadoras podem conduzir a sociedade – e até mesmo a comunidade científica – ao ceticismo.

Jerry Mander, para exemplificar, chegou ao que poderíamos chamar de conclusões baseadas no senso comum a partir de gravações informais com cerca de 2000 conversas e descrições escritas a respeito da televisão. As 15 frases usadas com maior freqüência destacadas por Mander foram:

“Eu fico hipnotizado quando assisto à televisão”; “a televisão suga minha energia”; “sinto como se passasse por uma lavagem cerebral”; “sinto-me como

um vegetal quando estou diante do tubo da TV”; “a televisão me deixa fora de órbita”; “a televisão é uma esponja que me absorve”; “meus filhos se parecem com zumbis quando assistem à TV”; “a TV está destruindo minha mente”; “meus filhos parecem sonâmbulos por causa dela”; “a televisão está tornando as pessoas estúpidas”; “a televisão transforma minha mente em um cogumelo”; “se a TV está ligada, não posso desviar meus olhos dela”; “sinto-me coisificado por ela”; “a TV está colonizando meu cérebro” e “como posso manter meus filhos distantes da TV e voltar a viver?” (Mander, 1978).

O terreno da pesquisa sobre recepção e audiência, onde os estudos da violência se apóiam, precisa ser mais bem pesquisado no Brasil. Grupos interdisciplinares são uma preciosa contribuição à investigação e experimentação do impacto da televisão na sociedade e nos indivíduos. Desta forma poderemos interpretar melhor as idiosincrasias oriundas da maneira pela qual cada sociedade brasileira se relaciona com o fenômeno da violência mediada.

Jair G. Rangel

Coordenador do curso de Comunicação Social do Instituto J. Andrade (MG)

Referências bibliográficas

- ADONI, H., COHEN, A. A. Social reality and television news: perceptual dimensions of social conflicts in selected areas. *Journal of Broadcasting and Electronic Media*. Washington DC: Broadcast Education Association, 28(1), pp. 33-49, 1984.
- ATKIN, C. Effects of realistic TV violence vs fictional violence on aggression. *Journalism Quarterly*. Columbia: Association for Education in Journalism and Mass Communication at the University of South Carolina, 60(4), pp. 615-621, 1983.
- ARONSON, E. *The Social Animal*. New York: W.H. Freeman and Co., 1995.
- BALL, S. Methodological problems in assessing the impact of television programs. *Journal of Social Issues*. Ann Arbor, Michigan: Society for the Psychological Study, 32(4), p. 9, 1976.
- BANDURA, A. *Aggression: a social learning analysis*. N. Jersey: Englewood Cliffs, Prentice Hall, 1973.
- BEAR, A. The myth of television violence. *Media Information Australia*. North Ryde: 33, pp. 5-10, 1994.
- BARRILE, L. Television and attitudes about crime: do heavy viewers distort criminality and support retributive justice. In: SURETTE, R. (ed.). *Justice and the Media: Issues and Research*. Springfield: Charles C. Thomas Publisher, pp. 141-158, 1984.
- BERKOWITZ, L. Situational influences on reactions to observed violence. *Journal of Social Issues*. Ann Arbor: Society for the Psychological Study, 42(3), pp. 93-106, 1986.
- CENTERWALL, B. S. Exposure to television as a cause of violence. *Public Communication and Behavior (vol 2)*. San Diego: Academic Press, pp. 1-59, 1989.
- COMSTOCK, G. & LINDSEY, G. *Television and Human Behavior: The Research Horizon, Future and Present*. Santa Monica, CA: Rand, June 1975.

- FESHBACH, S. The stimulating versus cathartic effects of a vicarious aggressive activity. *Journal of Abnormal and Social Psychology*. Washington DC: American Psychological Association, 63(2), pp. 381-385, 1961.
- FREEDMAN, J. L. Effect of television violence on aggressiveness. *Psychological Bulletin*. Washington DC: American Psychological Association, 96(2), 1984, pp. 227-246.
- GERBNER, G. *Violence and terror in the mass media - Reports and papers on mass communication, n. 102*. Paris: Unesco, 1988.
- GUNTER, B., FURNHAM, A. Perceptions of television violence: effects of program genre and type of violence on viewer's judgements of violence portrayals. *British Journal of Social Psychology*. Letchworth: 23(2), pp. 155-164, 1984.
- HAWKINS, R. P., PINGREE, S., ADLER, I. Searching for cognitive processes in the cultivation effect: adult and adolescent samples in the United States and Australia. *Human Communication Research*. Beverly Hills: Sage Publications, 13(4), pp. 553-577, 1987.
- HENNINGNAN, K. M., et al. Impact of the introduction of television on crime in the United States. In: Surette, R. (ed.) *Justice and the media: issues and research*. Springfield: Charles C. Thomas Publisher, pp. 182-198, 1984.
- HUESMANN, L. R. Psychological processes promoting the relation between exposure to media violence and aggressive behavior by the viewer. *Journal of Social Issues*. Ann Arbor: Society for the Psychological Study, 42(3), pp. 125-139, 1986.
- LINZ, D. G., DONNERSTEIN, E., PENROD, S. The effects of multiple exposures to filmed violence against women. *Journal of Communication*. Philadelphia: Annenberg School Press, 34(3), p. 130, 1984.
- MANDER, J., *Four Arguments for the Elimination of Television*. New York: Quill, 1978.
- NATIONAL TELEVISION VIOLENCE STUDY. Sage: Thousand Oaks, 1997.
- PHILLIPS, D. P., HENSLEY, J. E. When violence is rewarded or punished: the impact of mass media stories on homicide. *Journal of Communication*. Philadelphia: Annenberg School Press, 34, p. 10, 1984.
- OGLES, R. M., HOFFNER, C. Film violence and perception of crime: the cultivation effect. *Communication yearbook (vol. 10)*. Newsbury Park: Sage Publications, pp. 384-394, 1987.
- RULE, B. G., FERGUSON, T. J. The effects of media violence on attitudes, emotions, and cognitions. *Journal of Social Issues*. Ann Arbor: Society for the Psychological Study, 42(3), pp. 29-50, 1986.
- SIGNORIELLI, N. Television's mean and dangerous world: a continuation of the cultural indicators perspective. In: Signorielli, N., Morgan, M. (eds.). *Cultivation analysis: new directions in media effects research*. Newbury Park: Sage Publications, pp. 85-106, 1990.
- STACK, S. The effect of publicized mass murders and murder-suicides on lethal violence, 1968-1980: a research note. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*. 24(4), pp. 202-209, 1989.
- SURGEON GENERAL'S SCIENTIFIC ADVISORY COMMITTEE ON TELEVISION AND SOCIAL BEHAVIOR. *Television and growing up: the impact of televised violence (Apresentado ao Surgeon General, Serviço de Saúde Pública dos EUA)*. Washington, D. C.: U. S. Government Printing Office, 1972.
- TANNENBAUM, P. H. & ZILLMAN, D. Emotional arousal in the facilitation of aggression through communication. In: L. Berkowitz (ed.). *Advances in Experimental Social Psychology*, vol. 8, New York: Academic Press, 1975.

Resumo

O presente artigo trata de uma breve descrição de como a violência na televisão é tratada por diversos pesquisadores, com ênfase em explicações relacionadas ao seu impacto no contexto dos telespectadores. Relaciona e descreve as linhas explicativas sobre comportamentos, atitudes e outras relações que envolvem a percepção e a recepção de conteúdos violentos e suas implicações psicossociais. O autor destaca a importância de se estudar o fenômeno da recepção televisiva, considerando-se o caráter ainda incipiente das investigações no Brasil.

Palavras-chave

TV, violência, percepção, recepção.

Abstract

The present article offers a quick description about how different authors discuss the violence on TV, with the emphasis in theories related to its impact for the audience. It connects and describes the explanations about behavior, attitude, and other components of the perception and reception of the violent contents and their psychological and social implications. The author emphasizes the importance of the TV reception studies, considering the incipient number of investigations produced in Brazil.

Key-words

TV, violence, perception, reception.